

In Jaime de Almeida (org.), Caminhos da História da América no Brasil. Tendências e contornos de um campo historiográfico. Brasília: ANPHAC, 1998, pp. 389-401.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ARISTOCRÁTICA DA CLASSE ALTA DE POPAYÁN NO SÉCULO XX*

Gerson G. Ledezma Meneses^{**}

E a mulher de Ló olhou para trás e foi
transformada numa estátua de sal.
Gênesis 19:22.

A CRISE, O MEDO E A FESTA:

Abordar a identidade aristocrática da Classe Alta de Popayán no século XX, significa mergulhar no seu universo mental, mais do que no seu mundo material imbuído nas suas grandes extensões de terras improdutivas, sujeitas à mão-de-obra indígena e peões diversos, títulos nobiliários e renomes famosos desde o período colonial. Quando falamos da sua aristocracidade temos antes de mais nada de nos adentrar nas suas lembranças, sonhos, recordações, enfim..., na sua memória. Uma memória cheia de “pretérito glorioso” perpassado pelos heróis da independência, batalhas, e guerras civis em geral, onde os filhos de Popayán jogaram papel importante (para eles fundamental) durante os novecentos. Uma memória enriquecida também pelas lembranças do período colonial onde gozaram do poder político e econômico graças à produção de ouro em grandes quantidades. Mas o problema para o historiador vem quando se pergunta quando,

* O presente artigo, ligeiramente modificado, faz parte de minha dissertação de Mestrado em História Andina, denominada **Clase Alta de Popayán, 1886-1940: Miedo, Crisis y Pasado**. Cali, 1995.

** O autor é doutorando em História Social e das Idéias da Universidade de Brasília.

como e por que esta classe alta inventou esse “passado glorioso”? Por que tiveram que construir essa identidade aristocrática da qual ainda hoje se orgulham?

Volvendo os olhos sobre seu passado próximo, 1905-1910, encontramos que esta elite, ainda “dona e senhora” da Governação de Popayán, enfrentou sua pior crise, quando ficou relegada do contexto nacional devido às políticas administrativas e de reordenamento territorial realizadas pelo presidente, General Rafael Reyes, que dividiu o Cauca Grande (Governação de Popayán) em muitos departamentos; perdendo a hegemonia e a preeminência sobre aquela vasta região. Para eles foi um horror ficar num departamento (del Cauca) montanhoso, rodeados de índios e negros. Esta crise se acrescentou com novas invasões de gafanhotos que destruíram muitas plantações nas suas fazendas. Tendo que enfrentar varias erupções do vulcão Puracé, localizado perto da cidade; sobre esta e as regiões vizinhas, não cessaram as tempestades, e raios destruidores caíram sobre fazendas, igrejas e residências da elite. A varíola e a lepra fizeram aparição sobre Poblazón e Los Robles, ameaçando invadir as instâncias da classe alta.

Medo e crise se conjugaram sobre a elite, obrigando-a a voltar-se sobre o seu passado e começar então a inventar e construir um “passado glorioso”, cheio de esplendores. Um passado que os identificasse como uma das melhores e mais reconhecidas aristocracias da Colômbia e da América Latina. Isto se fez possível porque em data próxima (20 de Julho de 1910) teriam que comemorar o primeiro centenário da independência nacional. Ali então, se apresentou a oportunidade de dar-se a conhecer face ao país e demonstrar o seu papel político-militar e econômico vivido por eles. A Cali, Buga e Pasto, entre outras cidades, consideradas como rivais por questões políticas e econômicas, tiveram que apresentar o seu poderio caduco, porque embora não tivessem capitalismo próspero como no norte da antiga governação, eles tinham enfrentado muitas batalhas decisivas nos tempos da emancipação face à Espanha: Batalha de Calibio, de La Ladera, de Palacé, de La Cuchilla del Tambo, entre as mais notáveis. Como estas guerras não se desenvolveram durante *el grito de la independencia*, 1910, senão através de 9 anos

de lutas em contra do inimigo, até 1919, a classe alta alterou seu cotidiano e seu calendário para envolve-se na festa e na memória.

Os desfiles escolares, as procissões, confrarias, romarias, os batalhões e todas as instituições políticas, militares e eclesiásticas tomaram a cidade para juntos viverem e reviverem o passado e projetar a sua imagem não apenas frente aos assistentes da festa, senão face a outras elites amigas ou inimigas; como já foi mostrado; “designar a identidade coletiva corresponde (...) ainda a formar as imagens dos amigos e dos inimigos, rivais e aliados, etc”¹. Demarcaram cada lugar da urbe, com placas que lembrassem para sempre qual importantes eram aquelas residências que tinham albergado tantos heróis e personagens importantes, visitantes, etc. Entre 1905 e 1910 enfeitaram a sua cidade com muitos elementos e construções e reconstruções que perpetuassem o pretérito: praças, igrejas, mansões, catedral, cemitério, jardins, etc. Assim foram construindo a imagem da “cidade branca”².

A festa prestou-se para comemorar os nascimentos e mortes dos heróis, mas também para trazer as cinzas de aqueles que não se encontravam ali. Nesse estado chegaram em 1905 Caldas, Ulloa, Bush e Montalvo. Caldas, o mais importante para eles, foi transformado em bronze e veio a ocupar lugar preponderante na praça central batizada com esse nome. Também passaram à posteridade através do óleo, lotando de quadros o salão do Concelho Municipal e de estátuas as principais praças de Popayán. O assombro, o lamento, a piedade se converteram em elementos importantes na ressurreição dos heróis, pois eles não ficariam nesse estado material, no bronze, no óleo. Tinham que ser revividos para que ajudassem a tomar determinações importantes a seus irmãos em crise. O discurso foi essencial na medida que deu conta dos sofrimentos e da forma horrorosa como estes morreram, e mediante a fé e a evocação, a esperança e o desejo conseguiram seus objetivos. Vejamos a continuação as palavras do *Maestro* Guillermo Valencia, poeta

¹ Bronislaw Backzo, “Imaginação Social”, in: **Enciclopédia Einaudi**, Volume 5, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 309.

² Sobre o tema da invenção da cidade branca o leitor pode consultar meu artigo: “Inventando la Ciudad Blanca, Popayán, 1905-1915”. In: revista **Memoria y Sociedad** Vol. 3, N°1. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, 1996.

e literato, um dos membros mais importantes da elite payanesa da primeira metade do século XX, perante a estatua de Torres colocada na prazinha de San Francisco em 1916:

Alma de Torres, alúmbranos!

Martirio de Torres, confórtanos!

Virtud de Torres, inspíranos!

Verbo de Torres, muévenos!

Gloria de Torres, aliéntanos!

Sangre de Torres, sálvanos!

Assim, podemos dar-nos à tarefa de buscar no meio do discurso, da linguagem, das palavras... os imaginários criados a partir da crise, do medo, porque como diz Tânia Navarro Swain: “dizer é agir, e dizer é criar imagens em movimento; é objetivar representações, é esculpir desejos que se transferem infinitamente de um significante para outro, marcados por uma ausência que insistem em suprir”³.

Aqui então temos que estudar a ressurreição dos heróis através do imaginário. Paracelso afirma que: “A imaginação é como o sol, cuja luz não é tangível mas pode incendiar uma casa. A imaginação dirige a vida do homem; se ele pensa na guerra, fará a guerra. Tudo depende do desejo do homem de ser sol, isto é, de ser totalmente o que quer ser”⁴

A aristocracia pajanesa trouxe os heróis, do passado para o presente, através do desejo, da angustia, da festa, da memória... “O mecanismo da fé é o seguinte: a crença nasce do imaginário especular; consiste em atribuir o caráter de realidade ao objeto, que pode conduzir ao fetichismo da idéia...”⁵

Aparece o respeito ao herói no salão do Concelho Municipal. O herói está ali presente nas determinações, vigilante, ajudando a projetar a cidade para o passado mais que para o futuro, pois devemos lembrar que os heróis viveram no século XIX e não

³ Tânia Navarro Swain, “Você diz Imaginário?” in: Tânia N. S (org.), **História no Plural**. Brasília: Edum, 1994.

⁴ Citado por Claude-Gilbert Dubois. **O Imaginário da Renascença**. Brasília: Edum., 1995.

⁵ *Ibidem*, p. 33.

conheceram o XX. A elite sabia qual tinha sido o papel destes e assim os imitaram, seguindo seus passos fielmente: neste século a aristocracia, tal como fizeram os pró-homens dos noventa, construíram várias escolas, empenharam-se na construção de caminhos e estradas, e principalmente ocuparam-se da criação de jornais para perpetuar seu passado. Copiaram os passos daqueles na política e na administração municipal, departamental e às vezes nacional, até chegar ao Senado, Câmara dos deputados, Ministérios, etc. Projetos além disso? Não porque os heróis não viveram a entrada do capitalismo no século XIX, então a elite dos XX também não se embarcou nesses assuntos, preferindo ignorá-los. A maior parte dos projetos desse tipo que chegaram à administração municipal ou departamental foram, de uma forma ou de outra, rejeitados. A elite do século XX sempre sentiu repulsão das *chimínés*, porque a fumaça poderia haver manchado a imagem de “La Ciudad Blanca”.

A partir de 1922, a aristocracia começou a viver com uma mente anormal, que pouco tinha a ver com a mentalidade dos seus antigos irmãos de Cali, Cartago, Pasto, Buga e outras de mais longe como Medellín, Bogotá, Barranquilla, etc. A angústia vivida durante o período de 1905 a 1910 produz neles uma espécie de paranóia, de medo ao presente e ainda mais ao futuro. Certo misoneísmo, em palavras de Jung. Quando mais longe do presente estivessem muito melhor, e o futuro somente poderia ser vivido da mão com o “passado glorioso”. Jacques Le Goff falando das patologias das atitudes individuais em face do tempo diz que estas “mostra(m) que o comportamento “normal” é um equilíbrio entre a consciência do passado, do presente e do futuro, com algum predomínio da polarização para o futuro, temido ou desejado”⁶. Embora os comportamentos individuais não sejam aplicáveis abertamente às sociedades, vemos como, a anterior afirmação pode usar-se para a elite de Popayán ferida pelo passado.

Em 1922, quando haviam terminado as celebrações do primeiro centenário da independência, Carlos Vernaza, presidente do Concelho Municipal afirmava que:

Conservamos com orgullo nuestras prístinas costumbres y nos nutrimos abundantemente del ideal de nuestras glorias pretéritas; vivimos del pasado y no únicamente del remoto, donde dejó Popayán huella imborrable, sino también del pasado próximo, porque la

⁶ Jacques Le Goff. **História e Memória**. Campinas SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 206.

gloria y sublimidad han quedado íntimamente vinculados a esta ciudad tan pequeña y tan grande, vasta cordillera de prominencias que han venido a engrandecer al pueblo colombiano

HISTÓRIA E MEMÓRIA

Na fixação da mentalidade da elite de Popayán no passado, e na construção da sua aristocracidade, não foi menos importante a criação das Academias de História no contexto nacional. Em 1910 se publicou a *Recopilación de la Historia de Colombia*, de Jesús María Henao e Gerardo Arrubla, com motivo da celebração do centenário da independência, e se adotou como texto oficial para o ensino da história nacional no primeiro e segundo grau. Heróis e batalhas nacionais vieram a se misturar com os da classe alta de Popayán. Personagens e acontecimentos que contribuíram para nortear as mentes desta classe, mas que em nenhum momento foi decisivo na criação do “passado glorioso”.

As academias de História e obras de História Pátria como a de Henao e Arrubla só forneceram aquela mentalidade e deram impulso à criação da Academia de História de Popayán, onde jogaram papel decisório historiadores importantes como Antonino Olano, que fazia parte do Concelho Municipal. Junto a Miguel Arroyo Diez, em 1908, revisaram e editaram a obra de Jaime Arroyo *Historia de la Gobernación de Popayán*, onde mencionam todos os pajaneses que foram governadores durante o período colonial. Gustavo Arboleda e Arcesio Aragón se uniram á Academia de História de Popayán. O primeiro se converteu em pilar fundamental da sua classe no papel de ventilador do caminho percorrido pela aristocracia. Este historiador notou que uma boa maneira de perpetuar a memória aristocrática da elite, para que ninguém esqueça suas origens, os títulos, e os pergaminhos, era através da criação de um grande dicionário: *Diccionario Biográfico y Genealógico del Antiguo Departamento del Cauca*. Assim, antes de ser publicado o texto completo, no final da primeira década, a imprensa local se encarregou de divulgar as biografias dos filhos de Popayán desde A até Z, para que tomassem consciência de seu origem. Depois foram escritos outros livros similares e finalmente foi o defensor e transmissor da História Pátria de Henao e Arrubla.

Em 1929, baseado na obra dos dois historiadores, faz um texto para ser ministrado por capítulos na Universidade del Cauca de acordo com as conveniências da aristocracia. Disse o senhor Arboleda em carta ao reitor: “en muchos puntos he creído necesario condensar y aún suprimir y em cambio em otros, por relacionarse ellos com las regiones occidentales del país, he ampliado, (por ejemplo) al mencionar el seminario de esta ciudad verdaderamente ilustre em la época colonial, (al igual) que el terremoto de 1736 que tantos estragos causó a Popayán y el de 1785”⁷

Desta maneira, os ilustres estudantes de Direito desta Universidade comprovariam uma vez mais a brilhantez do seu passado e ajudariam a perpetuá-lo. A elite sabia que a memória dos seus filhos tinha que ser alimentada, seriam eles os futuros governantes da região, candidatos a ocupar os melhores cargos não só em Popayán, senão na Colômbia. Porém aquela memória transmitida tinha que ser manipulada como o fez Arboleda. Manipulação da memória coletiva através do conhecimento, mediante a festa, o drama, o teatro criado e recriado nas residências da elite.

Mas trata-se de uma manipulação da elite para ela mesma, a diferença do que muitos historiadores têm encontrado, quando falam da manipulação das elites frente aos “outros” através de símbolos, imagens, etc. Será que as elites precisam manipular apenas a memória dos “fracos” mediante simbologias? Acaso ela mesma não precisa se manipular, ou pelo menos manipular a mente dos seus filhos que perpetuam o poder? Daí que as classes altas precisam de escolas, colégios e universidades exclusivas, sem permitir o acesso a alguém de fora que possa estragar o trabalho de “consciência de classe” feito pelos adultos. Porque senão... “o acontecimento que é hoje posto em foco, amanhã será esquecido”⁸.

Se faz muito evidente a presença das crianças nas festas e desfiles da elite, através do lindíssimo batalhão infantil e das escolas que sempre estiveram presentes nas comemorações. No campo religioso, a semana santa *chiquita* tem servido à elite para

⁷ **El Trabajo**, Popayán, 3 de dezembro de 1929. p. 4.

⁸ Backzo, *op. cit.* p. 313.

manipular a suas crianças no ofício de cargueiros, papel que desempenham depois na semana santa maior.

Em 1939 Jorge Cajiao Candia rememorava esse passado tranqüilo e pacífico de Popayán de princípios do século XX, quando ele era apenas um menino e a cidade diz: “estaba muy lejos del ferrocarril, de las carreteras y del automovil, y tan sólo la reunión de la Asamblea Departamental, las solemnidades del Corpus y la semana Santa, el veraneo y unas pocas tertulias de confianza, interrumpian la monotonía de ese vivir que en muy pocas cosas se diferenciaba del que se había llevado a cabo cuando la madre España era la dueña y señora de estas tierras de la patria”. Continua afirmando o senhor Candia que para alegrar o ambiente se faziam representações teatrais na casa do seu pai. Nelas os atores eram meninos da melhor sociedade, representando a La Nueva Granada e a Policarpa Salavarrieta, a don Pablo Morillo e ao Libertador Simón Bolívar, Juan Sámano, Antonio Villavicencio, Camilo Torres e o *Sabio* Caldas, enfim... os pró-homens da Independência. Diz logo que às dramatizações assistiam as altas autoridades civis e eclesiásticas, e a oficialidade do batalhão. Os atos adquiriam todas as dimensões possíveis cercanas à realidade, com detonações e tiros de artilharia e “ante ese estruendo varias de las damas y muchachas que asistian a las representaciones lloraban conmovidas recordando el suplicio...”.⁹ Acontecimentos que confirmam uma vez mais a realidade baseada no passado que a elite mesma levou aos infantes a viver e recriar nas suas memórias, motivando-os a imitar os heróis para que guardassem muito bem o legado inventado e criado por seus pais desde as primeiras décadas do novo século. Legado que de todas as maneiras sempre tem aberto as portas do poder político-administrativo da cidade. Como assegura Le Goff, “...a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”¹⁰.

⁹ **El Liberal**, Popayán, maio 30 de 1939. p. 2.

¹⁰ Le Goff, *op. Cit.*, 426

Aqui poder-se-ia assegurar que a memória hábito -de que fala Ecléa Bosi¹¹,- não só serve para, através da repetição, saber das cores, aprender uma língua e guardar as regras da etiqueta, senão também para perpetuar o passado longínquo. Nesse *adestramento cultural*, se pode perceber a maneira como as elites perpassam o seu orgulho de pertencerem a sua classe, aos seus filhos, na repetição das festas, dos discursos envolvidos no passado, na maneira de repetir atos como cargueiro na semana santa *chiquita* e depois na grande. Mediante a transmissão aos jovens do santo da propriedade da família e que ninguém mais pode possuir nas festas confrarias e outras, como a semana santa. Enfim, trata-se de uma repetição e de uma aprendizagem dos fatos culturais que envolvem porém as atividades materiais e espirituais, eu diria mentais também.

As festas comemorativas do centenário mostram que os membros da elite, embora já tivessem uma mente determinada e uma concepção da sua identidade até final dos novecentos e princípio do século XX, a grande crise afrontada os fez mudar a percepção de seu passado, do seu presente e futuro. Embora já tivessem aprendido as coisas que os seus pais ensinaram para eles, foi possível mudar o seu caráter, comportamentos e ter que aprender coisas novas: como fazer uma festa de “longa duração” e através dela perpetuar e manipular a sua memória e a de seus filhos. Isto vai contra aquilo que afirmava Bergson (citado por Bosi, *op. cit.* p. 12), de que.... “o velho carrega em si, mais fortemente, tanto a possibilidade de evocar quanto o mecanismo da memória, que já se fez prática motora. O velho típico já não aprenderia mais nada, pois a sua vida psicológica já estaria presa a hábitos adquiridos, inveterados; e, em compensação, nos longos momentos de inação, poderia perder-se nas imagens-lembranças”. Definição um tanto braudeliana, que estaria de acordo com as mentalidades de longa duração sem chance de mudar.

Quando falamos da forma como as crianças recebem o legado da elite de Popayán, vemos que eles fazem uma nova leitura das imagens que os pais querem passar para eles. Mais não totalmente, é apenas uma questão de acatamento àquela herança e o fato de não se poder comportar diretamente como os pais. Peter L. Berger e Thomas

¹¹ **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**, São Paulo: TA Queiroz, Editor, Editora da Usp, 1994, p. 11.

Luckmann, asseguram que quando uma geração constrói uma realidade, os filhos desta, ou “la nueva generación plantea un problema de acatamiento y socialización dentro del orden institucional (por consiguiente) conviene que se establezcan sanciones (...) hay que enseñar a los niños a “comportarse” y, después, obligarlos a andar “derecho”. Y por supuesto, lo mismo hay que hacer con los adultos. Cuando más se institucionaliza el comportamiento, más previsible y, por ende, más controlado se vuelve”¹². Assim a data comemorativa do IV centenário da fundação de Popayán teve que ser atrasada até 1940, pois os novos membros da aristocracia no poder não fizeram os preparativos no devido tempo (1937). Mas foi certamente com aquela transmissão às crianças e jovens como realmente a classe alta de Popayán institucionalizou o “passado glorioso” e sua aristocraciedade... “sólo con la transmisión del mundo social a una nueva generación aparece verdaderamente la dialéctica social fundamental en su totalidad (...) sólo al aparecer una nueva generación puede hablarse con propiedad de um mundo social”¹³.

HISTORIADORES PAJANESES NA FORMAÇÃO DA MENTALIDADE:

Na fixação da mentalidade aristocrática da elite do século XX, também teve papel importante Arcesio Aragón. Em meados da década dos anos 30 terminou de escrever *Fastos Payaneses*¹⁴, onde uma vez mais é resgatado o valor e a grandeza desta classe social, como aqueles que começaram e foram os protagonistas principais das guerras de independência; e como o fez Antonio Arroyo, Aragón foi à colônia para destacar a todos e cada um dos membros da elite que manejaram o poder civil e eclesiástico. Em 1953 foi Miguel Antonio Arroyo com sua obra *El Cauca es Así*, quem continuará a perpetuar a imagem fidalga da elite de Popayán. Neste livro, após dar conta do devir da sua classe, e chegando ao início do século XX, ao ter que interpretar a crise afrontada por eles neste período, diz que a culpa do atraso do atual departamento do Cauca se deve à divisão da

¹² **La Construcción Social de la Realidad**. Buenos Aires: Amorrortu Editores S.C.A., 1968, p.85

¹³ *Ibíd.*, p.84

¹⁴ Arcesio Aragón, **Fastos Payaneses**, Bogotá: Imprenta Nacional, 1939. Neste mesmo estilo escreve **El Panteón de los Próceres de popayán**, Universidad del Cauca, Popayán, 1947 e **Monografía Histórica de la Universidad del Cauca**, Popayán, 1977 (2 tomos).

Governança de Popayán. Questão esta ligada também à geografia grosseira e à população indígena e negra da região¹⁵.

Neste contexto se deve mencionar Diego Castrillón Arboleda a quem tem interessado bastante mostrar a arquitetura da cidade como lugar onde se conserva a memória coletiva da elite. Sua evolução, o nome antigo das residências e diferentes prédios governamentais. Cada casa, cada rua, cada canto da cidade é revivido. Ao redor de cada um deles se tecem histórias. Por exemplo, A Casa da dona Dionicia Mosquera, na qual se levou a cabo o assassinato do seu marido. Esta, na cumplicidade dos seus escravos matou-o depois de ter vindo de uma longa viagem, para poder ficar com seu amante. Imagem de pecado, de irreverência que foi duramente punida. Imagem transferida de geração em geração desde o século XVIII, como uma maneira de resguardar os bons costumes da elite. A aristocracia tinha que saber guardar as aparências e não repetir o drama da dona Dionicia Mosquera. Aí então, a memória se constituiu em porta-voz da elite para poder assegurar o seu bom desenvolvimento. Ela foi confinada ao desterro e o seu amante condenado à pena de morte; os escravos cúmplices foram descuartizados e postos à vista dos moradores da cidade¹⁶.

Casa Mosquera, Casa Valencia, Casa Negret, hoje convertidas em museus onde aparecem utensílios diversos que pertenceram à elite. Nestas casas aparecem as árvores genealógicas, as armas dos heróis, os escudos, as vasilhas, os livros, as camas, etc. Cada um dos objetos guarda uma lembrança. Diante do passado pendurado nas paredes das mais importantes *casonas* desta elite o observador se pergunta: quanto tem influenciado nas mentalidades da aristocracia, imbuída e suspendida no passado, todos aqueles objetos coloniais e republicanos? Objetos disseminados por todos os cantos residenciais e da cidade em geral; utensílios usados, encontrados, achados, tropeçados, acariciados, suspendidos, pendurados, pegados, abrigados, sorridos, evocados, pensados, imaginados, sonhados... quanto têm participado nas suas simbologías, nas imagens e representações do passado (ao que se chega, ao que se encontram através dos heróis, da poesia, dos escritos, da arquitetura, da história pátria, etc.), tudo aquilo com o qual convivem? A

¹⁵ Miguel Antonio Arroyo, **El Cauca es Así**, Popayán: Imprenta Unicauca, 1953.

¹⁶ Diego Castrillón Arboleda. **Muros de Papel**, Biblioteca Banco Popular, Popayán, 1986.

arquitetura de Popayán com suas paredes enormes, altas e úmidas; portas talhadas e janelas de ferro; intermináveis telhados e varandas cartaginesas, popajanejas e de outros estilos. Tudo aqui respira a passado: enfeites, estatuazinhas, fotografias, recortes de jornais, mesas, cadeiras, pianos, etc. Tudo aquilo que não só faz parte da *casona* da dona Mercedes Vejarano, da casa de Sebastián Zambrano, de Alberto Vejarano, de Amalia Grueso, etc, senão daquelas que hoje são museus.

E, é que quase todo o centro histórico da cidade parece um destes; casas que ainda são reconhecidas pelos membros da aristocracia com seus nomes originais de tempos coloniais ou republicanos: Casa de don Jacinto de Mosquera y Figueroa, Casa de don José Rafael Arboleda Arroyo, Casa de don Silvestre Ortiz, Casa dos Mosquera y Figueroa, Casa de don Sebastián de Belalcázar, Casa del Avecindado Figueredo, etc., etc.

Símbolos e imagens formam parte do passado destas famílias de linhagem, que não aceitaram muito do novo, daquilo que ameaçasse seu antigo esplendor. Porém as suas casas continuaram cheias de passado. Objetos que de uma ou de outra forma ajudou a que virassem a sua percepção ao passado e ficassem nas redes do pretérito e de seu eterno sonho... “a diferencia del animal -diz Jean Paulus- el hombre puede evocar los objetos ausentes, alejados en el tiempo y en el espacio, por medio de la puesta en marcha de diversos sustitutivos: retratos, esquemas, símbolos, signos, palabras, imágenes mentales, conceptos”¹⁷.

Desta maneira, trata-se de pensar também a forma como a arquitetura contemplada e admirada frequentemente tem contribuído nas atitudes mentais desta aristocracia. Recordando-lhe a cada minuto o seu passado; caindo vítimas daquelas imagens e fragâncias coloniais e proezas guerreiras do século XIX. Arquitetura que vive no cotidiano da cidade e que é admirada não só ao vivo, senão reforçada na memória da classe alta através dos discursos, das conferências, das guias turísticas e dos livros dos historiadores como Castrillón Arboleda.

¹⁷ Jean Paulos. **La Función Simbólica**, Barcelona: Ed. Herder, 1975. p. 5.

Cada rua esconde um segredo, uma legenda: Rua das Monjas, do Empedrado, Dos Bois, da Companhia, etc. As casas elegantes conservam as suas sacadas das quais penduram *gerânios* e outras flores e plantas das mais agradáveis fragrâncias:

Solariegas, grandes o pequeñas son ejemplares. Perfectas del “estilo Popayán”: arcos de mampostería o pilares labrados de roble, guayacán o granadillo; en los aposentos amoblados con el codiciado cedro crespó, de nogal añoso o de esterilla partida entre las elegancias o las travesuras de los siglos; en los patios soleados, jardines de floración permanente colmados de aromas que todo lo envuelve y magnifica, bajo los balcones del cielo y las cortinas de nubes y relámpagos lejanos¹⁸.

Assim, entre outras obras evocadoras do passado de Castrillón Arboleda se devem destacar: *Estilo Popayán*, Tomás Cipriano de Mosquera, *Batalla de Calibío*, *De la Colonia al subdesarrollo*, entre outras¹⁹. Finalmente, mencionaremos a Edgar Penagos Casas e sua livro *Popayán, Recuerdos y Costumbres*²⁰. Aqui evoca à Popayán dos princípios do século XX: pecebre, novenas, amanheceres, igrejas, passeios, etc. Aparecendo neste texto a saudade, a nostalgia daqueles tempos que, para mal da elite, jamais voltarão.

Sem dúvida que os historiadores da elite de Popayán têm ajudado fortemente para que a elite fique no passado, através da sua memória. Memória contida nos textos de história, nos currículos escolares, na arquitetura, nos museus, nas ruas, nas praças, nas pinturas, nas músicas e em muita boa parte do Arquivo Central do Cauca. Da “construção” desta obra encarregou-se o historiador José María Arboleda Llorente. Em 1928 trouxe para a sua cidade os arquivos mais importantes de algumas povoações como Almaguer, Caloto (grandes centros de mineração durante o período colonial), La Vega, etc. Como quase todos os documentos falam da grandeza e esplendor da sua classe, e para que os demais historiadores tivessem acesso à grande massa informativa, fez uma transcrição muito brilhante de todos e cada um dos documentos. Dividiu o arquivo em

¹⁸ Diego Castrillón Arboleda. **Estilo Popayán**. Popayán, 1972.

¹⁹ Diego Castrillón Arboleda. **Batalla de Calibío**, Ejército Nacional, 1975.

_____, **De la Colonia al Subdesarrollo**, Universidad del Cauca, Popayán, s.d.

_____, **El General Tomás Cipriano de Mosquera**, Universidad del Cauca, Popayán, s.d.

diferentes salas: Sala Colônia, Sala Independência, Sala República, *Notaría* Primeira, *Notaría* Segunda, etc. Pena que a sua vida não deu para acabar de fazer a dita catalogação até o século XX. Seu trabalho foi feito até 1830. Daí em diante os historiadores que pesquisamos após essa data, temos que nos remeter ao Arquivo Morto, salas cheias de documentos de diferentes tipos que aparecem em pacotes amarrados com fitas. A classe Alta de Popayán também decidiu perpetuar a memória desse grande homem e deu ao arquivo o nome de *Centro de Investigaciones* “José María Arboleda Llorente”.

POESÍA, LITERATURA Y PINTURA:

A literatura, a poesia e a pintura têm jogado papel importante na construção da identidade aristocrática desta classe social. Uma das grandes figuras literárias e poéticas da primeira metade deste século foi sem dúvida o *Maestro* Guillermo de Jesús Valencia, dono de muitas fazendas, o qual ao se unir com a dona Josefina Muñoz juntou uma grande fortuna, pois esta era filha de um dos políticos e fazendeiros mais sobressalentes, Ignacio Muñoz. Valencia fez a tentativa de chegar à presidência da república colombiana nos anos 20. Desafortunadamente para ele e para sua classe isto não foi possível. Muitos dos eleitores tinham ficado por fora do Departamento del Cauca. “*El palo ya no estaba para cucharas*”. Bom amigo de Oscar Wilde e Rubén Darío e tão apaixonado pela obra de Miguel de Cervantes Saavedra, que trouxe a imagem do Quixote da Mancha para ficar na mente da sua classe, como aparece no seu conhecido *Canto a Popayán*, poema impresso para sempre pelo pincel do mestre Efraín Martínez no mural “Apoteoses de Popayán”. Esta obra resume a visão da elite para o passado: aí todas as famílias mais importantes desde o período colonial estão desenhadas: os Mosquera, os Obando, os Valencia. Todos olhando para o período colonial e especialmente para a nascente República²¹. Neste poema-mural, o Sr. Valencia, referindo-se à aristocracia diz: “tu vives del pasado. Púrpura de razas soberbias en prófugo instante volaba quemando tus

²⁰ Edgar Penagos Casas. **Popayán, Recuerdos y Costumbres**, Popayán, Caja Agraria, 1986.

²¹ O “Canto a Popayán” pode-se observar na sala de graus da Universidade do Cauca. Exposto aí faz 60 anos.

hombros...”²². Por sua parte, o pintor Efraín Martínez se fez grande amigo da elite, pois ele, através do seu pincel, reviveu para sempre a muitos integrantes das estirpes popajanejas mais conhecidos: avôs, bisavôs, primos, heróis e muitos outros foram desenhados por Martínez. Suas obras hoje podem ser apreçadas no museu Efraín Martínez, museu Casa Valencia, Prefeitura de Popayán, bancos e outras muitas entidades.

Pela sua parte, Gentil Jordán, poeta payanés, mencionou e lembrou nas suas obras aos heróis dos novecentos; um dos poemas mais conhecidos é “Caldas”. José María Arboleda Llorente compus odas a Sucre (outro herói da independência); deste diz: “Dios y libertad, su patrio lema”; José Eusebio Velasco 1888-1928) fez poesia lembrando aos “Conquistadores”. Eduardo Córdoba Velasco intitulou um dos seus melhores poemas com o nome de “Belalcázar” (fundador de Popayán), a este lhe assegura: Pubenza (vale onde se encontra a cidade) no te olvida, pues siempre al infinito, bajo las tardes de oro, te llama con un grito que lanza por la boca rebelde del volcán (vulcão de Puracé na frente da cidade)”. Neste sentido lembremos a Rafael Maya (1897) e a sua obra “Ciudad Lejana” e diz: “si penetrar pudiera de nuevo la frescura de tus hermosas calles henchidas de fragancia colonial! si pudiera los sueños de la infancia juntar en tu regazo cual flores de ternura”. Angela Valencia recordará ao Mestre Valencia com o título de um dos seus poemas “A la Estatua del Maestro” e Octavio Valencia, nascido em 1893 mirará o passado com “Simón Bolívar”, seu melhor poema²³.

Passado que condicionaria as suas pautas a seguir no século XX. Arquitetura, arte, poesia, literatura, monumentos, pinturas de heróis que a través de decretos foram a parar às paredes das escolas onde eles estudam²⁴; hinos, cantos, festas, procissões, romarias. Tudo isto os marcou, os envolveu e predestinou a viver no passado e a reforçar a imagem de aristocracia. Amor pelo passado que tornou-se um medo ao futuro, ao novo do qual sentiram repulsão. Esta questão não só se percebe no anotado antes, senão nos programas

²² Guillermo Valencia. **Apoteosis de Popayán. Poema**, Popayán, 1954.

²³ José Ignacio Bustamante. **La Poesía en Popayán (1536-1954)**. Segunda Edição, Universidade do Cauca, Popayán, 1954.

²⁴ Em 1918, a Assembleia do Cauca ordenou que “La gobernación dispiondrá de lo conveniente para que en todos los locales de las escuelasd oficiales se coloque, cuanto menos un retrato derl libertador y uno o más de los próceres más notables de la independencia. Esta ordem veio de parte do Sr. José María Iragorri Isaacs, um dos membros da elite mais notáveis da época.

empreendidos neste século. Programas em prol da região onde vêm jogar papel primordial o antigo, o religioso e não o novo.

Por exemplo, em 1966, enquanto os empresários vale-caucanos compraram ao departamento do Cauca as suas melhores terras localizadas ao norte, porque a classe alta dona destas não soube aproveitá-las²⁵, ao tempo que se pedia educação na zona rural²⁶, se protestava pelo alto custo da vida²⁷, e os camponeses de Paletará faziam frente a uma forte geada que arruinou as suas plantações de batata²⁸, a aristocracia iniciava a solene procissão do Corpus Cristi²⁹ e o “solemne festival en honor del sagrado corazón de Jesús”, ato no qual a oração consagraria esteve a cargo do governador Daniel Solarte Hurtado³⁰, e além do mais se consagravam como regedores aos novos sócios Enrique París, Gregorio Caicedo, Carlos de Valdenebro, Hernando Grueso Arboleda e José Enrique Arboleda Valencia.

Mentalidade tradicional que não deixa construir prédios que atentem contra a formosura da sua cidade que possam estragar os desenhos “coloniais”. Cabe lembrar das fortes discussões surgidas no Concelho Municipal em 1979, onde se colocou a idéia de fazer um edifício que não estava de acordo com a arquitetura tradicional. Na defesa o arquiteto Eladio de Valdenebro jogou papel importante, impondo finalmente seu ponto de vista. Depois do terremoto de 1983, que quase destruiu Popayán, o primeiro que a elite fez, foi reconstruir o centro histórico antes de mais nada. Deixar de fazê-lo, seria um atentado contra as lembranças da memória, do passado. Se bem é verdade que de uma ou de outra forma a elite tem participado de algum projeto de modernização da cidade, como aquele que, infelizmente para a aristocracia, acabou asphaltando a cidade e tirando as preciosas pedras, isto é hoje motivo de arrependimento, e então vêm a evocação, a saudade por aquele tempo feliz, calmo, tranqüilo... Em 1989 Javier Velasco Mosquera (arquiteto membro desta aristocracia) referendo-se às ruas de Popayán, lamentava

²⁵ “Progreso y frustración del Cauca”. **El Liberal**, Popayán, 28 de maio de 1966. p. 5.

²⁶ “Qué se ha hecho en la educación rural”. **Ibidem**, 1 de maio de 1966. p. 6.

²⁷ “Contra el alto costo de subsistencia se pronuncian las filiales obreras del Cauca”. **Ibidem**, 5 de junho de 1966. p. 1

²⁸ **Ibidem**, 8 de junho de 1966. p. 1.

²⁹ **Ibidem** 9 de junho de 1966. p. 1.

³⁰ **Ibidem**, 17 de junho de 1966. p. 7.

recordar “las vías, originalmente empedradas e infortunadamente pavimentadas entre 1939 y 1945 (nas quais) el automóvil ha podido involucrarse dentro del ámbito del centro histórico como elemento desafortunado y agresivo a su calmado y casi espiritual paisaje urbano”; logo fala das construções que pouco têm mudado... “como tantas otras cosas en Popayán, debido a ese amor de los payaneses por su tierra, y sus costumbres (...), ellos llevan en su sangre ese algo que los hace pervivir el pasado en el presente, haciendo detener el tiempo como una eternidad feliz”³¹

³¹ Javier Velasco Mosquera, “Consideraciones sobre la arquitectura en Popayán”. Em: **Popayán, Hiestoria y Patrimonio. Ciclo de Conferencias**. Universidad del Cauca, Extensión Cultural, Popayán, setembro, dezembro de 1989. p. 49.